

IMIGRANTES BRASILEIROS RADICADOS NO PARAGUAI: DILEMAS IDENTITÁRIOS E HIBRIDISMO CULTURAL

Resultado de investigação finalizada

Estrutura social, dinâmica demográfica e migrações

Marta Izabel Schneider Fiorentin¹

Resumo

O principal objetivo deste trabalho é mostrar alguns dos aspectos socioculturais e comportamentais que envolvem a inserção, de imigrantes agricultores brasileiros na sociedade paraguaia, além de compreender como esses indivíduos reconstróem e reestruturam as suas identidades longe de sua terra de origem. Fez-se uso de fontes orais obtidas por meio de entrevistas, possibilitando a construção de histórias de vida destes imigrantes e seus descendentes, todos radicados no chamado espaço brasiguai (região ocupada principalmente por imigrantes agricultores brasileiros), nas décadas de 1970 e 1980. Como síntese final, mostra-se que as novas gerações podem ser apontadas como um exemplo de identidade híbrida, considerando as relações atuais entre paraguaios e brasileiros, principalmente aquelas vividas pelos filhos de agricultores imigrantes brasileiros.

Palavras-chave: hibridismo, imigrantes brasileiros, identidade.

1. Introdução

Segundo dados levantados por Souchaud, são aproximadamente 500 mil brasileiros vivendo no Paraguai, o que representa cerca de 10% da população daquele paísⁱ. Apesar desses dados, a quantidade de brasileiros no Paraguai ainda é imprecisa, mas as estimativas indicam que se trata da maior emigração de brasileiros para uma nação fronteiriça e a segunda maior, perdendo apenas para a quantidade de brasileiros que estão nos Estados Unidos. Segundo os dados do Ministério das Relações Exteriores do Paraguai, em 2002, dos 545.886 brasileiros que se encontravam nos países da América do Sul, 459.147 estavam no Paraguai, ou seja, mais de 4/5 de todos os emigrantes brasileiros que vivem nos países vizinhosⁱⁱ.

O presente estudo é resultado de pesquisa realizada em duas comunidadesⁱⁱⁱ de agricultores imigrantes brasileiros radicados no Paraguai, tendo como foco de análise os resultados sócio-culturais do contexto de radicação destes. Cabe lembrar que, além da esperança de levar uma vida melhor naquele país, a emigração ao Paraguai também se explica num contexto de desigualdades sociais e econômicas.

Esses indivíduos constituíram, juntamente com os habitantes do Paraguai, uma sociedade interligada com desdobramentos econômicos, sociais, culturais e políticos. Ao dialogar com a memória histórica dos imigrantes entrevistados^{iv}, foi possível compreender o objeto de estudo por meio do indivíduo que vivenciou, direta ou indiretamente, a situação de agricultor imigrante no Paraguai.

¹ Marta Izabel Schneider Fiorentin - Professora da UNIPAR. Doutora em História pela Universidade de León, Espanha. Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

2. Os Brasiguaios Diante dos Elementos de Identidade Nacional Paraguaia

O termo brasiguaios já tomou vários sentidos. Dentre eles: a) imigrantes pobres que foram ao Paraguai, que não conseguiram ascender socialmente e que, muitas vezes, regressaram ao Brasil; b) aos grandes fazendeiros brasileiros no Paraguai; c) aos filhos dos imigrantes que já nasceram naquele país e têm a nacionalidade paraguaia; d) aos imigrantes e seus descendentes que falam um idioma fronteiriço e mesclam outros elementos culturais dos dois países; e) a todos os imigrantes brasileiros na nação vizinha. (Albuquerque, 2005)

É uma identificação ambígua que varia conforme a situação e conforme os interesses ocultados ou explicitados. Neste sentido, *brasiguaios* são os filhos e netos dos imigrantes que nasceram no Paraguai. “Em poucos anos vamos ter aqui uma população que é toda paraguaia”, afirma o paranaense Edoard Schaffrath, há 14 anos no Paraguai (*apud* Correa, 2008, p. 3).

Deve-se dizer que a sociedade paraguaia passa por um período de transição, especialmente no aspecto político, visto que com a queda dos militares do poder em 1989, iniciou-se um processo de mudanças político-sociais. Neste contexto, vem à tona a questão dos imigrantes *brasiguaios*, uma vez que as proporções tomadas pela maciça presença de brasileiros em algumas regiões paraguaias têm chamado a atenção para uma série de fenômenos sociais, decorrentes desse cenário. Entre eles, podem-se citar as questões de identidade nacional, preconceito, discriminação, hibridismo cultural e outros. Para Natalia Gavazzo, estas “são as configurações culturais que dão sentido às práticas sociais dos sujeitos, situados em contextos particulares, e que, interferem nas interações e nas relações entre os indivíduos” (Gavazzo, 2012).

Neste ponto, cabe destacar que o Estado Nacional do Paraguai construiu e oficializou o espanhol e o guarani como línguas nacionais. A partir daí, os dois idiomas passaram a ser reconhecidos como elementos de identificação nacional e passaram a ser um ponto demarcador de fronteiras culturais e simbólicas, sendo que se considerou a língua falada pelos colonizadores espanhóis e pelos índios guaranis.^v

O espanhol tornou-se língua oficial do país no contexto da independência em 1811, mas o guarani continuou sendo falado pela maioria da população. A história nos demonstra que esse fato ocorreu talvez pelo isolamento ou abandono do país pela elite crioula, ou pela resistência da cultura indígena e missioneira. O guarani só foi reconhecido oficialmente em 1992. Desde então, o Paraguai tornou-se oficialmente bilíngue e o único Estado latino-americano a reconhecer o estatuto de idioma nacional para uma língua de herança indígena (Zuccolillo, 2000, p. 185-202).

Ainda sobre a identidade linguística, pode-se notar que tanto no Paraguai como no Brasil durante a construção do Estado Nacional, a partir do século XIX, ocorreu um processo de homogeneização linguística. Mas, apesar desse processo não desapareceram as línguas indígenas, africanas e os idiomas e dialetos das inúmeras comunidades de imigrantes que vieram para a América do Sul, neste caso para o Paraguai e para o Brasil (Zuccolillo, 2000).

A fixação de um número considerável de brasileiros no Paraguai fez com que o contato entre brasileiros e paraguaios apontasse para questões de identidade nacional em torno dos choques culturais. Um dos pontos mais evidentes refere-se aos três principais idiomas falados: português, espanhol e guarani. No movimento migratório brasileiro para o Paraguai produziram-se separações, mesclas e disputas em torno da legitimação da língua como fator determinante ou não da identificação nacional. É importante destacar que o guarani continua sendo a língua mais falada em todo o país, principalmente na zona rural (Paraguay, 2004).

O idioma guarani é visto pela maioria dos paraguaios como a expressão máxima da nacionalidade, embora para determinados setores da sociedade, o guarani seja considerado pejorativamente coisa de índio ou de camponês, remetendo à herança de preconceitos deixada pelos espanhóis e pela elite cultural da capital acerca das línguas nativas. O guarani também é visto como a

língua de resistência nacional paraguaia e o espanhol é percebido como a língua imposta pelo Estado Nacional, racional e artificial e que não representa uma unidade. Nas escolas públicas e privadas do Paraguai, os professores ensinam os dois idiomas nacionais, sendo a partir desse processo histórico de reconhecimento e obrigatoriedade do guarani que se podem entender os discursos nacionalistas dos paraguaios em defesa do guarani. Como comenta Sturza,

“o reconhecimento do guarani como língua oficial e o seu destacado lugar como língua materna da grande maioria da população é um ingrediente fundamental na configuração das línguas da fronteira, sobretudo pela importância étnica e identitária que o guarani ocupa frente a outras línguas, as dos imigrantes e a do Estado” (Sturza, 2005, p. 6).

Cabe ressaltar que diante das migrações e das constantes trocas e misturas culturais, o guarani é um dos poucos elementos que identificam o Paraguai no contexto do Mercosul e no mundo globalizado. Neste sentido, o guarani se constitui como um limite entre os paraguaios e os imigrantes de qualquer nacionalidade, daí ser a expressão máxima da cultura e identidade do Paraguai.

Para os imigrantes brasiguaios, uma realidade desafiadora uma vez que eles estão diante de dois idiomas oficiais, o espanhol e o guarani. Nas escolas, especialmente os filhos dos imigrantes, manuseiam o material didático escrito em espanhol e tem aulas de língua guarani, assim como toda população estudantil paraguaia.

2.1 Olhares Sobre os Dilemas Identitários

Ao se pensar sobre a ideia de construção de identidade nacional, nota-se que a memória coletiva se distingue da memória nacional. Enquanto a primeira estaria voltada para uma vivência imediata e se evidencia por meio do rito e do mito, a segunda define-se por uma ação politicamente orientada, por ordem da ideologia. Nesse caso, ocorre uma proposta consciente de implantar um projeto de identidade pelos agentes, como pelo Estado, por exemplo, ao procurar definir uma identidade para a nação, encontrando elementos para desenvolver laços identitários (Ortiz, 1994).

O idioma é visto como a expressão máxima da nacionalidade, sendo, portanto, um forte elemento identitário. Isto posto, evidencia-se uma realidade, no mínimo controversa, nas comunidades de imigrantes brasileiros radicados no Paraguai. Para Antunes, o imigrante, na maioria das vezes, procura recriar a sua volta alguns elementos de seu contexto sociocultural de origem, e, na medida em que se consegue revestir desse ambiente formado por pessoas, relações e instituições sociais próprias da sua terra de origem, mantêm-se vivas as relações com sua cultura original. Por consequência, defende-se a identidade cultural original (Antunes, 1981, p. 17-27). Neste contexto, observa-se o que diz o agricultor Marcelo Schneider, morador da Curva da Lata, no “espaço brasiguai”^{vi}, a esse respeito:

“(...) O costume brasileiro está dando o ritmo na cidade de Katueté. Não é o costume paraguaio. Na escola, as crianças paraguaias tentam falar o português com nossos filhos. Na classe que meu filho estuda, tem 15 alunos e apenas quatro são paraguaios” (Schneider, 2009).

O relato acima reporta uma situação que merece análise do ponto de vista da real inserção desses indivíduos na sociedade paraguaia. É interessante observar que esses imigrantes estão no Paraguai há mais de 30 anos e a grande maioria não aprendeu o espanhol e nem a língua guarani. Essa realidade é resultado das próprias condições de infraestrutura e da geografia do lugar na época da

instalação desses imigrantes. Os que haviam sido alfabetizados no Brasil, não iam para a escola no Paraguai, principalmente porque não tinham acesso a ela; ou seja, não havia escolas para seguir os estudos iniciados no Brasil nas regiões de abertura de fronteira agrícola onde essas famílias se fixaram.^{vii}

A dificuldade de acesso às escolas paraguaias foi um grande limitador para que houvesse uma maior integração linguística entre brasileiros e paraguaios desde o início da colonização. E, em alguns casos, como o mencionado acima, a concentração de imigrantes brasileiros em regiões de abertura de fronteira agrícola, distante de povoados paraguaios, acabou sendo um fator limitador a integração entre os dois povos.

Esta situação já não acontece com a maioria dos filhos de brasileiros nascidos no Paraguai. Na atualidade, a maioria dessas famílias possui uma condição de vida melhor que na época da chegada de seus pais, e estes, estão conseguindo pagar o estudo, mesmo em escolas distantes do lugar onde moram. É o caso das duas comunidades em foco (Curva da Lata e Gleba 11), em que, para cursar a quinta série em diante é preciso percorrer diariamente aproximadamente vinte quilômetros de estradas vicinais por dia, com recursos próprios. Cabe ressaltar que nessas localidades a presença maciça de imigrantes brasileiros, nos mais diversos segmentos sociais, impede uma maior integração àquela sociedade.^{viii}

No entanto, é preciso notar que os descendentes desses imigrantes estão aprendendo os dois idiomas nacionais. Os pais admitem que se sentem como estrangeiros no Paraguai e têm dificuldade em aprender outro idioma que não seja o de sua origem, mas que os seus filhos, pelo fato de terem nascido no Paraguai, são paraguaios, e que eles, nas escolas, aprendem a se comunicar em espanhol e guarani, embora em casa mantenham o português como idioma, para melhor se comunicarem com os pais. Neste sentido, o técnico em agropecuária Áureo Friguetto, que chegou ao Paraguai aos quatro anos de idade, fala sobre a experiência que vivenciou:

“Eu comecei a estudar com os paraguaios, então eu tinha muita dificuldade com a língua. Costumava-se ensinar em espanhol, mas o que se falava na hora do recreio era só o guarani. (...) Com o decorrer do tempo fui aprendendo. Depois que eu aprendi o espanhol e o guarani, ficou tudo mais fácil. Já não havia a discriminação. Existia discriminação com os brasileiros que não tinham facilidade de aprender, esses eram discriminados na escola” (Friguetto, 2009).

No espaço escolar, os filhos e netos dos imigrantes brasileiros aprendem as línguas oficiais do país, e mais, aprendem também a história e a geografia paraguaia, cantam o hino nacional e debatem questões sobre o Paraguai, aprendem música, folclore e cultura paraguaia. Em contrapartida, esses descendentes recebem a influência cultural do Brasil no cotidiano de suas casas e nas imagens televisivas.

Buscando esclarecer melhor o quadro acima, veja-se o pensamento de Stuart Hall: o que ocorre com o imigrante radicado é uma crise de identidade. Sua tese baseia-se na relação entre velhas e novas identidades, de forma que as últimas surgem para desestabilizar o homem de hoje, gerando o que ele chama de crise de identidade. Deste modo, Hall trata as mudanças de identidade como sendo o resultado de um deslocamento devido à perda de um sentido de si, do seu lugar no mundo social e cultural, o que acarreta a crise de identidade.

Hall nota que a identidade é formada através de processos inconscientes e que o sujeito não nasce com ela, mas a forma com o passar do tempo. Devido a isto, em vez de falar de identidade como um processo pronto e acabado, deve-se falar em identificação, tratada como processo em movimento (Hall, 1999). Assim, os brasiguaios constroem sua identidade a partir da interação entre o eu e a sociedade, produzindo novas identificações.

3. Os Brasiguaios e a Questão do Hibridismo

Neste caso específico dos imigrantes brasileiros no Paraguai, uma vez que as identidades culturais estão em constante transição, mantendo vínculos com uma ou mais culturas, além daquela em que nasceram; elas também formam e mantêm tradições negociando os seus valores com as novas culturas em que estão inseridos, bem como trazem os traços culturais e as tradições domésticas. Mas isso não os unifica a cultura em que se inseriram, assim, são obrigados a produzir suas próprias tradições e a negociar entre elas. O hibridismo cultural representa uma adaptação da tradição, uma poderosa fonte criadora de novas formas de cultura, mais apropriadas ao contexto ou ao mundo atual.

Os imigrantes transportam as culturas nacionais para diferentes destinos e, concomitantemente, incorporam novos valores e costumes dos países de destino, principalmente pelas novas gerações, no fluxo permanente de contatos e choques culturais (Anderson, 2005). Cabe lembrar, que os imigrantes brasileiros no Paraguai continuam estabelecendo relacionamentos e laços sentimentais e comunicacionais com o Brasil por meio do rádio, telefone, internet e televisão. Nesta forma de contato com o Brasil amplia-se o universo cultural, embora permaneçam fortes laços com o país de origem.

Em contrapartida, a identificação com a cultura paraguaia está mais no âmbito social liminar e situacional. Grimson alerta que os hibridismos culturais não se traduzem necessariamente em formas híbridas de identificação (Grimson, 2000). Existe, assim, uma zona de interstício em que a identificação brasileira está em trânsito e a identificação paraguaia ainda não está reconhecida.

Neste sentido, é de reconhecimento da parte dos imigrantes que, falar o idioma local no Paraguai torna-se fator importante de inserção na sociedade, e neste contexto incentivam os filhos a aprenderem o espanhol e o guarani. Além da inserção, há também o motivo de evitar aspectos discriminatórios e evitar a visão de que os brasileiros sejam invasores, diminuindo por meio do idioma as diferenças culturais e sociais. Assim, a identidade dos imigrantes brasileiros passaria a ser reconhecida mediante a aprendizagem e a comunicação com o guarani.

Nota-se que o quadro descrito acima é típico do estranhamento e do deslocamento cultural das novas gerações de filhos de brasileiros no Paraguai. O idioma, ou a maneira de falar aparece incorporado em suas vivências no Paraguai, mas ao mesmo tempo vindo ao Brasil são reconhecidos como brasileiros, pois também falam fluentemente o português, revelando assim uma forma de hibridismo linguístico, pois vivenciam a contradição da afirmação e da negação da dupla cidadania ou nacionalidade.

Mesmo que de forma subliminar, nota-se que existe uma tensão entre segregação e integração entre as novas gerações dos imigrantes brasileiros, visto que os imigrantes (pais) continuam mais separados e o preconceito, muitas vezes inviabiliza espaços comuns de convivência entre seus filhos e os demais moradores do Paraguai. É certo que houve famílias de migrantes brasileiros que adotaram como estratégia o registro dos filhos como cidadãos paraguaios e promoveram a aprendizagem das línguas oficiais do país. Eles têm como primeiro idioma o português sem dominarem a língua portuguesa escrita, sendo alfabetizados no Paraguai na língua espanhola e guarani. Observa-se neste aspecto certo espaço para a resistência ou para o engendramento de um novo modo de vida.

Visto isso, é preciso lembrar que emigrar para o Paraguai não foi exatamente a escolha desses agricultores. Eles, de certo modo, foram levados a isso, impelidos à migrar, num contexto de mecanização agrícola e êxodo rural, a opção pelo Paraguai se deu, muitas vezes, como única pela possibilidade do acesso a novas áreas para a prática da agricultura, atraídos, entre outros, pelos baixos preços, decorrentes das vantagens no câmbio da moeda^{ix} (Fiorentin, 2012). Veja-se o depoimento que segue:

“No Brasil a terra era muito cara. Na minha região, em Santa Rosa, um alqueire de terra custava 800 sacas de soja, e isso eu não tinha condições de pagar. Então com 900 sacas de soja que eu recebi por um alqueire que vendi (no Brasil), comprei dez alqueires aqui (no Paraguai) e ainda me sobrou um dinheirinho para viver até fazer a primeira colheita” (Mho, 2009).

As experiências cotidianas destes imigrantes estão marcadas por consequências do ato de abandonar a nação de origem e da escolha uma nova nação para viver. O contato direto com uma nova realidade social e cultural marcou para sempre a história de vida desses imigrantes, visto que a hibridação cultural surgiu na medida em que esses indivíduos se sentem parte da sociedade paraguaia sem se desligar de suas origens. Imigrante há mais de 30 anos, Sinaide Backes, ao ser indagada sobre se seus filhos se sentem brasileiros ou paraguaios, afirma: “(...)Não posso dizer que eles são paraguaios. Eles não se acham paraguaios, mas também não se pode falar mal do paraguaio porque eles nasceram aqui e são registrados aqui. Então, eles são paraguaios” (Backes, 2010). Este relato aponta para uma situação de construção de uma identidade híbrida, especialmente na segunda geração de filhos de imigrantes.

Aos poucos, os laços dos imigrantes com a nova terra vão se estreitando, eles construíram igrejas, escolas, deram origem a clubes esportivos e se reuniam para dançar, jogar baralho, prestigiar casamentos, batizados, eucaristia, aniversários e etc. O mesmo acontece com os outros aspectos da relação entre brasileiros e paraguaios em relação à música, à dança, à culinária, à religião que por vezes se misturam outras, não. Isso depende muito da localização geográfica do povoamento. Quanto mais distante dos centros de ocupação paraguaia, maior a força da cultura brasileira e menor é a interação com a população paraguaia (Fiorentin, 2012).

Cabe destacar que é visível na experiência dos descendentes de imigrantes brasileiros no Paraguai, um processo simultâneo de hibridismo cultural, que é uma ruptura e uma associação ao mesmo tempo. Ou seja, é o mesmo, o outro e uma terceira coisa, o novo, percebido no seguinte relato: “*meus filhos gostam do pessoal daqui. Eles se misturam com os paraguaios na escola, no futebol, nos bailes, em todo lugar que vão. Eles gostam daqui. O Brasil não é a terra natal deles e eu já me acostumei com isso porque eles nasceram aqui*” (Backes, 2010). Em contrapartida, há também a busca de afirmação de identidades nacionais e preconceitos mútuos. Sob a ótica de Bhabha, é teoricamente inovadora e politicamente crucial a necessidade de ir além das narrativas subjetivas originárias e focalizar tensões ou processos produzidos na articulação de diferenças culturais, que, geram novas colaborações e contestações, no ato de definir a própria ideia de sociedade (Bhabha, 1998, p. 20).

De acordo com Gavazzo “crescer em uma família de imigrantes sempre foi um processo onde é difícil conciliar a orientação cultural dos pais estrangeiros com as demandas de assimilação da sociedade receptora. As crianças ou filhos de imigrantes se encontram em dilema pessoal: ou se mantêm parecidos com seus pais ou se convertem a cultura local.”^x

A identidade é um processo relacional de referências cruzadas, elaborada socialmente, pois, enquanto identidade social ou coletiva, ela é o imaginário de um grupo sobre suas origens comuns e os seus múltiplos laços culturais, históricos e geográficos partilhados. Este senso de compartilhamento identitário é que permite à população de determinado território a configuração de um projeto de continuidade histórica. Assim, a identidade emerge da dialética entre indivíduo e sociedade, como propuseram Berger e Luckmann (1999, p. 130), quando notadamente se dá a transição entre os valores culturais de origem familiar e os valores paraguaios, invocando-se assim a identidade deste sujeito, em que aspectos étnicos e de nacionalidade se interseccionam, ocupando o mesmo espaço.

Ao analisar as novas gerações dos imigrantes tem a possibilidade de captar, no aspecto da construção da identidade, a imagem simbólica de mundo e de sociedade que estes sujeitos possuem.

Com certeza, essa construção identitária ou da identidade é permeada por conflitos e contradições em que o outro (cultura paraguaia) está próximo e é familiar, mas não necessariamente objeto ou desejo de conhecimento e de convivência, tendo em vista as diferenças econômicas e os novos contatos estabelecidos entre brasileiros imigrantes e paraguaios.

Não se trata de uma construção de identidade tênue, e sim conflituosa aos que experimentam esse processo, já que parece ser uma característica ou um processo presente em todas as situações de migração para diferentes lugares. Vale lembrar, segundo Armstrong, que a construção da identidade não encontra padrões uniformes, mas que “cada sujeito dará sentido à sua identidade conforme o sentimento de pertencimento que mantém” (*apud* Poutignat; Streiff-Fenart, 1998, p. 83). É o que se evidencia na fala da imigrante brasileira, Lourdes Leichtweis, moradora da Gleba 11, ao expressar seu sentimento pela pátria mãe: “*Eu gosto do Brasil, mas não vou dizer que eu amo ele de paixão, porque ele não me deu tanta chance. Eu não tive lá [no Brasil] a chance que eu tive aqui para progredir*” (Leichtweis, 2009). Esse cenário permite visualizar que as opções de cada sujeito podem ser diferentes em função do passado e dos aspectos psicológicos e interesses de cada um. Daí o caráter dinâmico e inovador e de adaptação à realidade. Talvez por isso, qualquer estudo sobre identidade deva ser localizado num espaço e tempo concreto, num contexto e não num conceito a ser examinado (Fiorentin, 2012, p. 114).

A troca cultural, contudo, nem sempre é uma relação pacífica ou enriquecedora, pois algumas vezes ocorre por confronto, tensão e mesmo por exclusão, na lógica da contrariedade. Nas palavras de Burke (2003, 18), o preço da hibridização “inclui a perda de tradições regionais e de raízes locais”. Manifestações de hibridismos culturais também não se restringem aos contatos humanos, uma vez que habitualmente envolvem diferentes aspectos, como “religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na literatura ou na música” (Burke 2003, p. 23).^{xi}

No entanto caba destacar que, no caso dos imigrantes brasileiros no Paraguai, é principalmente na questão de posse ou de propriedade da terra, que os conflitos afloram, tornando evidente o quanto são frágeis os laços de integração entre brasileiros e paraguaios. Nesse aspecto, observam-se desafios, misturas e separações, interações e conflitos, dominações e subordinações e zonas de disputas pelo poder. Como estratégias de luta e combate, criam-se estereótipos sobre o outro e que a identificação com as suas respectivas nações está muito presente. Todo este cenário caracteriza a dinâmica social dos imigrantes agricultores brasileiros no Paraguai, na atualidade, como um espaço de grande complexidade e imbricações, em um constante movimento de hibridismo cultural.

4. Considerações Finais

No presente estudo foi analisada a integração cultural entre dois povos tão diferentes como brasileiros e paraguaios. Estas relações são marcadas pelas diferenças identitárias, decorrentes das mobilidades e de seu caráter de transitoriedade e redefinições, visto que em busca da sobrevivência, o ser humano promove adaptações e criação de novas fronteiras culturais e étnicas entre duas culturas.

Na medida em que as identidades culturais estão em constante transição, os imigrantes agricultores brasileiros radicados no Paraguai mantêm vínculos com uma ou mais culturas, além daquela em que nasceram, formando e mantendo com isso tradições que negociam os seus valores com as novas culturas em que estão inseridos, que por sua vez, trazem os traços culturais e as tradições domésticas, embora isso não os unifique à cultura em que se inseriram. Assim, são obrigados a produzir suas próprias tradições e a negociar entre elas. O hibridismo cultural representa uma adaptação da tradição, uma poderosa fonte criadora de novas formas de cultura, mais apropriadas ao contexto ou ao mundo atual.

Por meio deste estudo, ficou evidente que uma nova fronteira ou uma nova territorialidade ultrapassa os limites geoeconômicos e políticos de uma nação e torna-se o resultado de uma nova

integração. Os imigrantes agricultores brasileiros no Paraguai construíram novas vidas, apresentando uma realidade complexa e dinâmica, reflexo do processo migratório. Uma realidade que, a partir da presença de milhares de brasileiros em solo paraguaio, marcou uma nova relação entre dois países, abrangendo aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais diferentes, cujo caráter de transitoriedade necessita uma constante redefinição, que surge da mobilidade da população.

Nota-se que as formas de contato com o outro e as diversas possibilidades de se lidar com esse outro foram criadas e recriadas neste novo espaço de convivência, habitado por homens e mulheres que vivem num constante movimento de elaborar e reelaborar na construção de suas identidades e alteridades: isto se dá na história de uma fronteira de tantos encontros e desencontros.

Para finalizar, conclui-se que o olhar sobre as novas gerações dos imigrantes permite captar, no aspecto da construção da identidade, a imagem simbólica de mundo e de sociedade que estes sujeitos possuem, mesmo que essa construção identitária ou da identidade seja permeada por conflitos e contradições em que o outro (cultura paraguaia) está muito próximo.

Fontes Orais

Backes, Sinaide. (02 de Janeiro de 2010). *Entrevista*. Gleba 11 (Mbaracayu-PY).

Friguetto, Áureo. (31 de Janeiro de 2009). *Entrevista*. Gleba 11 (Mbaracayu-Py).

Mho, Eduino. (08 de julho de 2009). *Entrevista*. Curva da Lata (Katueté, Py).

Schneider, Marcelo. (28 de Janeiro de 2009). *Entrevista*. Curva da Lata (Katueté, Py).

Referências Bibliográficas

Anderson, B. (2005). *A nação no século XXI*. Palestra de abertura. Terceiro Encontro de Tensões Mundiais. Encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza.

Albuquerque, J. L. C. (2005). *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

Antunes, M. L. (1981). Migrações, mobilidade social e identidade cultural. *Revista Análise Social*, 13, 17-27.

Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

Berger, P. y Luckmann, T (1999). *A construção social da realidade*. Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes.

Burke, P. (2003). *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Feliú, F. S. (1999). *Canindeyu-zona alta: los brasiguayos*. Asunción: Leo SRL.

Fiorentin, M. I. S. (2012). *Imigração Brasil-Paraguai: A Experiência da Imigração de Agricultores*

Brasileiros no Paraguai (1970-2010). Curitiba: Juruá.

_____. (2012). *Imigração Brasil-Paraguai: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)*. Curitiba: Juruá.

_____. (2013). Imigrantes brasileiros radicados no Paraguai: dilemas identitários e hibridismo cultural. *Revista Paraguaya desde las Ciencias Sociales*. 2, 81-96.

Gavazzo, N. (2012). *Hijos de bolivianos y paraguayos en el área metropolitana de Buenos Aires: identidades y participación entre la discriminación y el reconocimiento*. Tesis Doctoral, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Grimson, A. (2000). *Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro*. Buenos Aires: La Crujía.

Hall, S. (1997). *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Ortiz, R. (1994). *Cultura brasileira e identidade nacional*. (5ª. Ed.) São Paulo: Brasiliense.

Paraguay. (2004). Resultados finales. *Censo Nacional de Población y Viviendas*. Año 2002 - Total País. Fernando de la Mora: DGEEC.

Poutignat, P. y Streiff-Fenart, J. (Org.). (1998). *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP.

Rodrigues, A. D. (1981). Política lingüística e educação para os povos indígenas. En Silva, A. L. da. *A questão da educação indígena*. São Paulo: Brasiliense.

Sturza, E. R. (abril/junio, 2005). Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. *Ciência e Cultura*, 2, 57, São Paulo. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php>>. Acesso em: 02/2/2010.

Souchaud, S. (2001). *Geografía de la migración brasileña en Paraguay*. Asunción/Paraguay: UNFPA.

Zuccolillo, C. M. R. (septiembre/diciembre, 2000). Paraguay “pluricultural y bilingüe”: o ¿cómo se dice mestizo en guaraní? *Revista Paraguaya de Sociología*, 37, 109, 185-202.

ⁱ Souchaud, S. (2001). *Geografía de la migración brasileña en Paraguay*. Asunción/Paraguay: UNFPA.

ⁱⁱ PARAGUAY. (2004). Resultados finales. *Censo Nacional de Población y Viviendas*. Año 2002 - Total País.

ⁱⁱⁱ Esta investigação envolveu entrevistas realizadas nas localidades da zona rural paraguaia com concentração de imigrantes brasileiros ali radicados. Foram entrevistados agricultores brasileiros das comunidades de Curva da Lata (município de Katueté, departamento de Canindeyú/Paraguai) e Gleba 11 (município de Mbaracayu, departamento de Alto Paraná/Paraguai). Selecionaram-se estas duas localidades aleatoriamente com o intuito de oferecer uma amostra da realidade sócio-cultural vivida por estes imigrantes. Como estas, existem centenas de outras comunidades com as mesmas características.

^{iv} Fez-se uso de fontes orais obtidas por meio de entrevistas qualitativas.

^v Fiorentin, M. I. S. (2013). Imigrantes brasileiros radicados no Paraguai: dilemas identitários e hibridismo cultural. *Revista Paraguaya desde las Ciencias Sociales*. 2, 81-96.

^{vi} “Espaço brasiguai” se refere a regiões do Paraguai habitadas por brasileiros radicados no Paraguai.

^{vii} Fiorentin, M. I. S. (2012). *Imigração Brasil-Paraguai: A Experiência da Imigração de Agricultores Brasileiros no Paraguai (1970-2010)*. Curitiba: Juruá.

^{viii} Fiorentin, M. I. S. (2012). *Imigração Brasil-Paraguai: A Experiência da Imigração de Agricultores Brasileiros no Paraguai (1970-2010)*. Curitiba: Juruá.

^{ix} Na referida época, década de 80, a moeda brasileira valia, em média, três vezes mais que a moeda paraguaia.

^x Gavazzo, N. (2012). *Hijos de bolivianos y paraguayos en el área metropolitana de Buenos Aires: identidades y participación entre la discriminación y el reconocimiento*. Tesis Doctoral, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. p. 116.

^{xi} Burke, P. (2003). *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.